

## **A CIDADE DA PARAHYBA: URBANIZAÇÃO E COTIDIANO NA METADE DO SÉCULO XX.**

Maria Gorete Olimpio dos Santos<sup>1</sup>

Modernização das cidades brasileiras geralmente se confunde com a implementação dos serviços e equipamentos urbanos, ou com as transformações na paisagem, estando relacionada ao processo de desenvolvimento econômico e conseqüentemente á industrialização. (CHAGAS, 2004:119)

Na metade do século XIX a cidade Parahyba começa a passar por um processo de urbanização e modernização, neste sentido, os hábitos tidos como referenciais da modernização passam a ser exigidos pelo sujeito moderno. Logos os hábitos costumes e tradições também teriam que ser modificados ou transformados nos padrões tidos como moderno.

Neste sentido, a autora Ana Maria Meira relata que foi preciso a intervenção do poder público para então acontecer a modernização e urbanização. Ora a cidade da Parahyba era no século XIX uma cidade considerada rural. Os sujeitos viviam em função de uma economia rural, baseada no cultivo da cana de açúcar, no entanto, não se pensava em uma Parahyba moderna. Logo, percebemos que essa passagem de uma Parahyba rural para uma Parahyba moderna não se deu de forma tranqüila e calma.

Não podemos afirmar que não havia a idéia de moderno no século XIX. Podemos dizer que tudo começou durante esse século, no entanto só poderemos pensar na cidade da Parahyba moderna no século XX. Sem contar que este processo de urbanização e modernização não se deu de forma ordenada ou total. Logo vai haver a necessidade da disciplinarização dos sujeitos e conseqüentemente seus hábitos.

“Naquele tempo, era hábito de muita gente banhar se nua fonte pública de Tambiá, em Gravatá, na cacimba do povo, na fonte dos milagres e na Maria Feia: Até mesmo no cais da cidade era comum os banhistas se oferecerem ás águas completamente despidos. Em conseqüência foi banido por força da lei invocada que autorizou a fiscalização publica a multar os infratores da postura prevista no texto a multa corresponderia a dois mil reis, cujo pagamento sujeitos aqueles que se banhassem despidos entre 6 e 19 horas.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB e professora da rede Municipal de Alagoa Grande. [anaguiaturismo@yahoo.com.br](mailto:anaguiaturismo@yahoo.com.br).

No caso da reincidência, o gravame seria elevado ao dobro. (LEAL, MORAES,: 2004: 9 ).”

Nesta perspectiva, podemos perceber como se deu o processo de urbanização, modernização, higienização na cidade da Parahyba. Os corpos foram padronizados e educados de acordo com o conceito de modernização, pois não poderia se pensar em um sujeito moderno tomando banho em uma fonte cacimba ou rios estes seria os incivilizados, ”índios”. Neste sentido, as autoridades aplicam multas impostas para aqueles infratores da ordem e, portanto “incivilizados”, “arcaico”.

Segundo o texto de Ana Maria Leal as infrações impostas pelas autoridades não ficarm por aí. Houve multa para aqueles que se vestiam apenas da cintura para baixo. O presidente Ambrosio Leitão Cunha, presidente da província também sancionou a lei para suavizar a paisagem urbana da cidade Parahyba, pois todos os imóveis construídos a partir de 1859 teriam que possuir as características modernas de acordo com a mentalidade modernizadora. Nessa lei houve padronizações dos imóveis e obrigava aqueles que não estavam no padrão da modernidade a adaptação ou até mesmo demolição: neste aspecto Ana Maria Leal coloca:

Ambrosio Leitão da Cunha, presidente da província, pretende suavizar os contrastes urbanísticos propensos de deformação com o fim de garantir ao rosto da cidade agradável traços fisionômicos. Daí a lei numero 26 de 30 de dezembro de 1859, por ele sancionada. Além visava a disciplinar a construções dos imóveis; disposição sobre altura largura da fachada e janelas, compreendendo as casas de um andar e os sobrados. Ela também prescreveu normas relativas aos projetos de construção das calçadas, que deveriam ser revestidas com pedras lajeadas. E mais: Além de proibir degraus de pedras ou tijolos no lado exterior das construções, fixando se o prazo de um ano para demolição daqueles que existisse, determinou a retirada dos canos de esgotos mantidos para despejos nas ruas de dejetos ou líquido, salvos as águas pluviais. (LEAL, MORAES, 2004: 8).

Logo, poderemos analisar que o processo de urbanização e modernização começou no século XIX, no entanto a cidade da Parahyba possui seu próprio ritmo sua cultura e tradições diferenciadas das demais cidades que passaram por processo de urbanização e modernização semelhante. Poderemos pensar em uma cidade da Parahyba no século XX moderna? Logo, percebemos que a dinâmica da Parahyba é outra, pois além do processo de urbanização ser lento existiam outros problemas quanto a questão da modernização. Além da cultura, da tradição dos engenhos, da vida rural também existiu outro fator primordial para urbanização da cidade Parahyba, pois de acordo com o texto de Janete este fator seria a economia. Neste

sentido a economia foi obrigada a se modernizar como a de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro.

Na cidade da Parahyba o crescimento que se deu a partir das questões econômicas também contribuiu para mudar a cena cotidiana da cidade. As ruas que abrigavam o centro comercial tornam-se o lugar de desejo dos habitantes da cidade, são nessas ruas que o contato com as novidades dos grandes centros se torna conhecidas. Mas e os populares? Será que eles tinham acesso a esses bens? O homem e a mulher comum poderiam adquirir os tecidos, os chapéus, os sapatos importados, as jóias, freqüentar os salões de festas, teatros confeitarias? Ou será que esta modernização da cidade da Parahyba se deu apenas com a minoria a elite Parahybana, vejamos o que diz o autor Valdecir Chagas,

Na Parahyba as elites se apropriaram dos emblemas modernos e os vivenciaram cotidianamente. Nesta trama a propaganda vinculada nos periódicos foi utilizada como recursos capas de divulgar as novidades na arte de viver modernamente. Assim, a leitura dos jornais modificou se como hábitos de homens e mulheres modernos...(ABRANTES, 2010: 41).

Nesta perspectiva, o autor mencionado acima questiona, o que era ser uma mulher e um homem moderno na Parahyba? Ele coloca que existia varias significação quanto ao sujeito moderno, no entanto, ele afirma que um dos significados de ser um homem ou uma mulher moderna, era “está bem vestido”, “morar na área central da cidade”, “expressar-se bem em publico”, “freqüentar o cinema, e o teatro”, e “consumir os artigos de luxo importados da Europa”.

Neste aspecto, poderemos perceber que nem toda população tinha acesso economicamente aos produtos da modernidade ou até mesmo freqüentar lugares considerados modernos, além disso, os próprios serviços oferecidos como o bonde, a água encanada e a luz elétrica ficou restrito para um setor da sociedade. Com toda esta problemática poderemos analisar que o processo de urbanização/ modernização da cidade da Parahyba se diferenciou de outras cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Pois como já citamos a Parahyba possui muitas singularidades próprias diferentes das demais cidades que si diziam na época civilizadas, modernas, e urbanizadas. Toda via isto não significou que as outras cidades não passaram por dificuldades iguais ou semelhantes que a Parahyba. Vejamos o caso de Belo Horizonte onde toda população foi removida do centro da cidade, das suas casas e alojada em lugares diferenciados. Logo poderemos perceber que a cidade de Belo Horizonte foi uma

construção da modernidade, onde não havia lugares para os populares, os quais foram removidos das suas casas.

Sendo assim, no contexto da modernização, a higienização dos corpos, das casas, das ruas, também foram impostas para os populares, mas não significa dizer que teve o apoio dos mesmos. Alguns estudiosos apontam que a elite foi a favor da modernização. Mas, até para esse grupo o novo causado pelos discursos e mudanças assustavam. Assim, os grupos mais conservadores ligados ao poder rural mostravam outros pontos sobre essa modernidade.

No texto de Marinne Meira Warderlei, ela coloca;

Em linhas gerais, tudo o que fosse novo, insinuasse liberdade exacerbada ou relacionasse. O apego descomedido a aparência, na prontamente rejeitado. O apego á estética originava uma ética, a ética da estética. Ela era entendida como preocupação maior dos membros da sociedade. Forjadoras de novos signos, insígnias e provocadoras de uma nova.

Neste contexto, a autora cita que havia jornais e revistas nas quais os intelectuais poderiam expor e até mesmo demonstrar suas opiniões sobre a urbanização/modernização. Com efeito poderemos perceber que neste mesmo período houve um grande número de escritos relacionados aos senhores de engenho por parte dos intelectuais. Havia uma elevação da cidade Parahyba e uma contemplação da mesma com certos saudosismos. Como se tentasse mostrar para população que a Parahyba era bela e perfeita tinha de tudo, não precisava da modernização que significava ruptura das tradições, das culturas, bem como perda de poder por parte dos senhores de engenho.

Assim, estes saudosismo e contemplação dos escritos por parte dos seus intelectuais mostrava uma auto afirmação desse passado. A modernidade chegava e era preciso investir na memória, trazendo a história de volta para o presente na tentativa de immortalizar o passado. Podemos ver isso na literatura ou na escrita de alguns intelectuais como de Gilberto Freyre e Jose Lins do Rego, Gilberto Freire por sua vez vai escrever em Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mocambos. Nas suas obras ele vai contemplar a vida do engenho da casa grande a vida rural os sobrados e apreciar os serviços que seriam os mocambos.

“Eu conheci esta cidade Parahyba, creio que foi em 1915. era um ingênuo e delicioso. Seus sobrados, suas casas, como que se trepavam uma por cima das outras, nas ladeiras em zig- zag. Era toda em zig – zag a Parahyba. E o casario era deliciosamente irregular. E alguns sobrados de residências tinha abalroados de um aconchego mouresco.”

Já José Lins do Rego, vai escrever em *Menino de Engenho*, uma forma de não deixar cair no esquecimento as memórias que exaltavam a beleza da Parahyba na época dos engenhos. Uma forma de romantizar a cidade e perpetuar a sua memória principalmente a valorização do cotidiano rural. É época que tanto Gilberto Freire e José Lins do Rego imortalizaram suas memórias através dos seus escritos. Nesta perspectiva, a autora Marine Meira Waderlei relata que José Lins considerava a modernização/ urbanização um atentado aos bons costumes e uma desorganização da ordem já estabelecida durante anos ela cita,

“Todos mistificam. Uns com a arte dos demônios, outros com as negações das aparências. Quanto mais você foge a natureza, aos seus eflúvios poéticos vivos, às suas harmonias de águas correntes, maior será a força de seu talento e o poder semi –divino de suas mentiras. A sociedade nasceu desse delírio por meio de lutas que afirmam idéias e desviam o destino. O homem faz- se o arbítrio de seu estado espiritual. Construí a moral pela bitola de seus desejos , em moralizando tudo que a natureza deixou sem a capa de fantasia (...). surgiu a moda com a necessidade de uma conseqüência tornando os homens escravos de suas intensas sugestões (...).E a moda este veneno que o homem procura, no horror da terra, na profundidade do mar , na química miraculosa, desconhecendo virtudes sem compreender sacrifícios (...). E o escândalo do exagero, é a moral do século.( A moral do século, Era Nova, , 05 de jun, de 1921 Apud ABRANTES, 2004:126)

Neste aspecto, poderemos analisar o quanto foi complexo a urbanização da cidade Parahyba. Logo poderemos analisar que a modernidade trouxe com ela muitas inquietações nos sujeitos. Pois, houve uma disputa de opiniões sobre como reagir diante das questões modernas. Também não poderemos esquecer que a economia também passa por um processo moderno. Surgem outras culturas como a do algodão, e a cana de açúcar vão perdendo espaço para outras culturas, bem como os senhores de engenho e quem dependia e viviam do mesmo. Logo, começaram a surgir novos personagens com destaque no cenário da modernização.

Nesta perspectiva, surgem questionamentos, como estavam os populares diante dessa problemática, havia uma preocupação dos higienistas em limpar os corpos principalmente dos pobres. Pois a elite já possuía noções de higiene. O corpo antes sujo deveria ser limpo. No entanto, os populares olhavam com desconfiança para as idéias de higienização do corpo é o que aborda Azemar dos Santos Soares Júnior, em sua monografia *corpos hígidos: o limpo e o sujo na Parahyba (1912-1924)*.

A Parahyba estava passando pelo processo de modernização e o corpo também precisava ser moderno. E um segundo motivo para a higienização dos corpos foi uma ameaça da peste bubônica na cidade Parahyba, por isso, a intervenção das autoridades para higienização dos corpos principalmente dos populares, ou seja, dos pobres. Neste aspecto, as autoridades criam normas e regras para higienização dos corpos, casas, ruas e a cidade, os moradores são responsáveis por manter a frente e os lados de suas casas limpas, bem como aterrar possíveis buracos próximos as suas residências cita o autor;

No que diz respeito às posturas de limpeza, despachamento das ruas e esgotos d'água os moradores eram obrigados' a trazer limpas as testadas de suas habitações até o meio da rua, arrancando mato e deixando a relva ou varrendo-a sempre que houver risco. Além disso, esses mesmos deveriam entupir os pequenos buracos e charcos, que houvesse na frente de suas casas e darão esgotos as águas estagnadas em seus quintais e proximidades. (...). Por fim ninguém poderá se licença do fiscal, a rua desta cidade e povoações do termo conservar entulhos, madeiras e materias para modificação e qualquer outro objetos que dificultarem o transito. (JUNIOR, 2011:41)

Segundo o mesmo texto de Ozamar Junior não havia fiscal para a vigilância. As multas eram aplicadas pelo o inspetor da saúde que não possuía nenhum funcionário para lhe auxiliar no trabalho. Concluimos, portanto que a urbanização, modernização bem como a higienização dos corpos na cidade da Parahyba foram consequência da chegada da modernidade, bem como dos conhecimentos da tecnologia, da biologia do misticismo, das crenças e da medicina. “Como dizia Foucault:” O controle do corpo e padronização do mesmo se deu como meio de separar os pobres e ricos, doentes e sadios. E como forma de separar o doente surge os hospitais para tirar do meio da sociedade os considerados doentes, para não transmitir doenças para o sadio. “Controlar o sujeito até mesmo nas suas mais íntima privacidade”. E não foi diferente na cidade da Parahyba.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

LEAL, Ana Maria; MORAIS, José Augusto de. História da Paraíba. João Pessoa: SENAR/DR/PB, 2004.

MELLO, José Octávio de Arruda e. A Paraíba da Origem á Urbanização. Fundação Casa José Américo de Almeida, 1983.

\_\_\_\_\_. História da Paraíba, 11ª edição. A união: João Pessoa, 2002.

ABRANTES, Alômia, SANTOS, Martinho Guedes dos. Outras histórias: Cultura e poder na Paraíba ( 1889-1930). UEPB, 2004.

MARIZ, Celso. Evolução econômica da Paraíba. João Pessoa: A União, 1978.

RODRIGUEZ, Janete Lins. Acumulação de Capital e produção do Espaço: O caso João pessoa. Editora: UEPB. João Pessoa, 1980.

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. Corpos hígidos entre o limpo o sujo (1912-1924). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História UFPB, 2011.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. As singularidades da modernização na cidade da Parahyba nas décadas de 1910 a 1930. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em História da UFPE, 2004.

\_\_\_\_\_. Prática política e transformações no cotidiano dos trabalhadores em João Pessoa na década de 1930. Recife, 1996, 133 p. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

\_\_\_\_\_. Trabalho lar e botequim. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FOCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. A microfísica do poder. São Paulo: Graal, 2000.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Temp(l)os de consumo: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX). Saeculum, João Pessoa, n. 17, p 59-68, jan/jun, 2007.

\_\_\_\_\_. Os médicos e os ratos: a bubônica em Campina Grande e a instauração de uma estética do medo. Jornal Brasileiro de História da Medicina, v. 12, p. T61, 2008.